


DOI: 10.22476/revcted.v6i2.455

ISSN: 2447-4223

DIALOGANDO SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO DE ENSINO REMOTO

Fernanda Camargo Dalmatti Alves Lima¹

 <http://orcid.org/0000-0003-1314-3652>

UNICAMP, Faculdade de Educação, Campinas, SP, Brasil

Submetido em: 27/09/2020	Aceito em: 12/12/2020	Publicado em: 31/12/2020
---------------------------------	------------------------------	---------------------------------

Resumo

Esta Carta Pedagógica apresenta importantes reflexões sobre o processo de aquisição das linguagens escrita e oral, no percurso do ensino remoto decorrente da pandemia COVID-19. Ao narrar a carta a professora busca interlocução com a formadora e os diálogos propostos pelo Grupo de Estudos Alfabetização em Diálogos, GRUPAD subgrupo do GEPEC/FE/UNICAMP coordenado por Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado, Ma. Heloísa Proença e Ma. Renata S. Frauendorf, dando a ver o processo reflexivo e formativo.

Palavras-chave: Alfabetização; Ensino remoto; Diálogos; Grupo colaborativo.

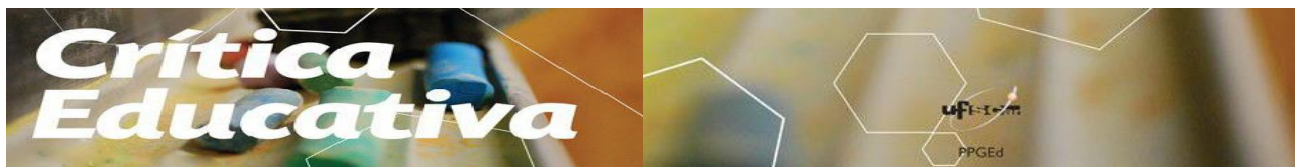
DIALOGUE ABOUT THE LITERACY PROCESS IN THE REMOTE EDUCATION CONTEXT

Abstract

This Pedagogical Letter presents important reflections on the process of acquisition of written and oral languages, in the course of remote education resulting from the pandemic COVID-19. When narrating the letter, the teacher seeks dialogue with the trainer and the dialogues proposed by the Literacy in Dialogues Study Group, GRUPAD subgroup of GEPEC/FE/UNICAMP coordinated by Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado, Ma. Heloísa Proença and Ma. Renata S. Frauendorf, showing the reflective and formative process.

Keywords: Literacy; Remote teaching; Dialogues; Collaborative group.

¹Pedagoga pela Universidade Estadual Paulista, Unesp, campus de Marília/SP. Professora Auxiliar do Ensino Fundamental 1, na Escola Comunitária de Campinas, Campinas/SP. Estudante especial do Mestrado em Educação UNICAMP/FE. Participante do Grupo de Estudos em Alfabetização e Diálogo - GRUPAD e do Grubakh – Grupo de Estudos Bakhtiniano, ambos subgrupos do GEPEC/FE/UNICAMP. E-mail: fernanda.dalmatti@gmail.com



DÍÁLOGOS SOBRE EL PROCESO DE ALFABETIZACIÓN EN EL CONTEXTO DE ENSEÑANZA REMOTA

Resumen

Esta Carta Pedagógica presenta importantes reflexiones sobre el proceso de adquisición de las lenguas escritas y orales, en el transcurso de la educación a distancia resultante de la pandemia COVID-19. Al narrar la carta, el docente busca el diálogo con el formador y los diálogos propuestos por el Grupo de Estudio de Alfabetización en Diálogos, subgrupo GRUPAD de GEPEC/FE/UNICAMP coordinado por el Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado, Ma. Heloísa Proença y Ma. Renata S. Frauendorf, mostrando el proceso reflexivo y formativo.

Palabras clave: Alfabetización; Enseñanza remota; Diálogos; Grupo colaborativo.

Campinas, setembro de 2020.

A Carta Pedagógica é endereçada a querida Renata², minha formadora e parceira.

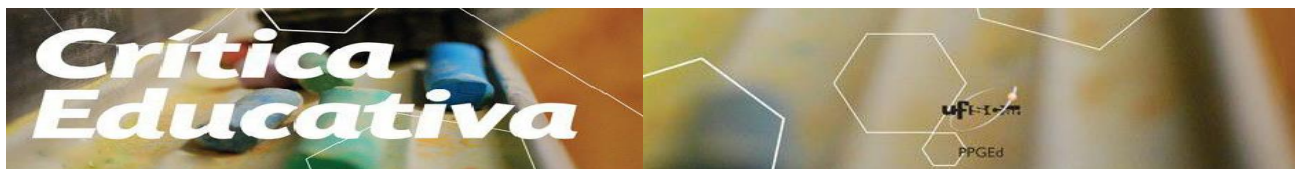
“A vida é a arte do encontro embora haja tanto desencontro”, como já disse Vinícius de Moraes, e sorte a minha encontrá-la em meu percurso formativo. Lembro-me tão bem quando nos conhecemos, foi lá na Unicamp no encontro do *Grupo de Estudos e Alfabetização em Diálogo*, o GRUPAD³. Quando iniciei não sabia muita coisa sobre o grupo além de que era coordenado pela Heloísa Proença, Guilherme Prado e você. Aliás eu cheguei nesse grupo por indicação do professor Guilherme. A busca pelo GRUPAD foi para encontrar um espaço dialógico e formativo sobre a alfabetização, pois naquele ano de 2018 estava com a minha primeira turma de 1º ano.

No primeiro encontro, descobri que o grupo é constituído por professoras⁴: pesquisadoras de sua prática, coordenadoras, diretoras, supervisoras, formadoras e você estava lá, compondo a

² A carta endereçada é para minha querida formadora que compõe a coordenação do GRUPAD, a Renata Barroso de Siqueira Frauendorf que é doutoranda em Educação pela FE/Unicamp; mestra em Educação pela FE/Unicamp/Campinas/SP; Psicopedagoga pelo Instituto Sedes Sapientiae/SP; Pedagoga pela USP/SP. Coordenadora de Projetos do Instituto Avisa Lá/SP.

³ O Grupo de Estudos Alfabetização em Diálogos, o GRUPAD é subgrupo do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC) da Faculdade de Educação da Unicamp. Coordenado pelo Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado. Mais informações podem ser obtidas em: <https://www.fe.unicamp.br/gepec/>.

⁴ O GRUPAD é composto predominantemente por professoras-mulheres. Escolha que reflete em minha escrita, sempre com o uso do substantivo feminino.



coordenação do GRUPAD. Descobri também que é um espaço dentro da universidade pública que constrói diálogo com a escola.

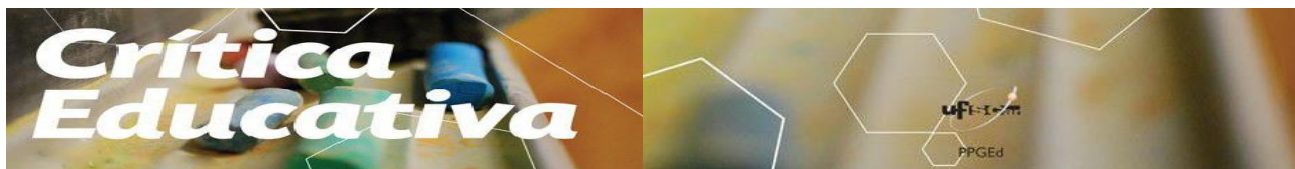
Rememorar o início da minha participação, leva-me a pensar sobre nosso primeiro encontro deste fatídico, inesperado ano de 2020, no dia 10 de março. Lembro do calor e abafamento que senti na sala de aula cheia na Faculdade de Educação. Gente nova, gente antiga é assim nosso GRUPAD, um grupo que por ser colaborativo, é composto por pessoas que formam uma espécie de comunidade, em que os participantes compartilham, discutem e negociam significados sobre o que fazem, falam, pensam e produzem em colaboração como bem explica Fiorentini (2013).

Registrar o cotidiano por meio das narrativas (PRADO et al, 2015) é um aprendizado adquirido com vocês, por meio das narrativas pedagógicas (de alegria, de medos, de estranhamentos, de busca por conhecimentos) (FRAUENDORF et al, 2016). Propositamente, ao final do encontro, você deixou o tema para uma escrita narrativa: *Quais são os desafios atuais de alfabetização?* Confesso, que ao receber o tema proposto para a narrativa, preparei meu caderno para que os acontecimentos da sala de aula, me levassem a reflexão.

Para a minha surpresa, chegou a notícia de que a Covid-19 era uma pandemia. A Unicamp foi a primeira instituição a fechar. Passadas algumas semanas, as escolas. Cada professora foi encaminhada para sua casa. O que fazer? Como fazer? Tudo online, à distância, ensino remoto. Suportes tecnológicos não foram ensinados, eu e tantas outras professoras aprendemos fazendo. Inicialmente, sentia-me uma professora *youtuber*, o tempo foi passando e apesar de não querer esse tipo de educação, foi a única forma encontrada para manter o vínculo com as crianças.

Senti medo: isolamento, preocupação pela manutenção da vida e a elevada taxa de mortalidade viral! Nesse momento de tantas incertezas o GRUPAD pausou seus encontros, mas ainda bem que nosso Grupo de WhatsApp me mantinha e mantém informada. Estava já desconfiada que neste semestre não nos encontraríamos quando na metade de maio fui surpreendida com a criação do perfil do GRUPAD no Instagram e com um convite para a retomada online dos encontros, data marcada para dia 26 de maio.

Renata, você não imagina o que isso me causou, o retorno dos encontros online do GRUPAD. Isso me levou a uma felicidade sem tamanho! Poder rever, mesmo à distância, todas as participantes, retomar a discussão interrompida sobre a alfabetização e de termos a possibilidade de nos apoiarmos nesse momento tão solitário.



Pensar na volta dos encontros me ajudou muito a pensar também na narrativa proposta no único encontro que tínhamos tido: Quais são os desafios atuais de alfabetização? Acredito que você, Helô e Gui não imaginaram a atualidade deste tema com os desafios impostos pela pandemia.

Fui buscar em meus cadernos os registros-anotações e tecer minha narrativa. A minha escolha foi narrar sobre um vídeo que circulou na internet (redes sociais e WhatsApp) e me propiciou muitas reflexões! No vídeo, uma professora lê a atividade, enquanto grava, a atividade era para relacionar as sílabas CA, CO, CU com a fotografia dos animais, cabra, cobra e cutia. Ao ler as sílabas a professora, na gravação, começa a rir e a problemática do vídeo foi: as aulas presenciais precisam voltar. Lembro-me de questionar nas redes sociais, se são as aulas presenciais que necessitavam retornar ou se a concepção de ensino das linguagens escrita e leitora precisam ser revisitadas. Esse tipo de atividade revela a concepção pedagógica que antes da pandemia estava fechada, dentro da escola, mas, atualmente, está escancarada! Ainda bem, que pude compartilhar essa narrativa no grupo e dialogar sobre isso.

Relembrar o contexto e o principal tema dessa narrativa, levam-me a minha realidade, como você sabe, sou professora auxiliar do 3º ano, numa escola particular de Campinas/SP. Passei pela experiência inicial de teletrabalho entre março e abril. Dei continuidade ao processo de alfabetização de uma criança, o Augusto, com laudo médico aberto, os especialistas ainda não fecharam. Augusto é uma criança muito disposta a aprender! Gosta de futebol, contar histórias, brincar com os amigos. Isso eu descobri durante, até então, ele apresentava-se muito quietinho, com medo de errar, mas curioso.

Nos meses iniciais, começamos a nos familiarizar com a plataforma Google Sala de Aula, do Google para Educação, que a escola possui e já fazia uso antes da pandemia, com os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental I e II. As primeiras experiências com a plataforma foram estranhas, mas necessárias para o meu aprendizado, agora voltado para o uso das tecnologias.

As primeiras atividades foram gravações de histórias, muitos vídeos, edições, até chegar a um resultado desejado: contar história sem barulho do vizinho, do cachorro... E as atividades para essa criança foram adaptadas, com mesmo tema da turma, mas num nível que precisaria de apoio para a leitura. O combinado com a família foi de gravar as respostas por áudio e enviar.

Relembrar essa primeira fase por um lado me deixa bem chateada, Renata, mas por outro entendo que é nesse exercício de parar, pensar e refletir sobre minha própria prática que posso

avancar em meus conhecimentos e buscar uma melhor forma de ser professora como nos diz o mestre Paulo Freire (2001), quando defende a ideia de um professor reflexivo. Compreendi que essas primeiras atividades não tinham muita conexão-sentido para a criança, mas estavam sendo feitas da melhor maneira que eu podia naquele momento. Não desprezo o passado, porque aprendo com ele. O meu desejo era tentar conversar com aquela criança, saber o que ela estava sentindo, o que aquelas atividades queriam dizer para ele. O máximo que conseguia eram comentários do tipo: “Ok, Fer! Atividade recebida”, recado escrito pela família.

Seguimos nesse formato até maio quando a escola parou, adiantamento de férias. Voltamos no final do mês, com ações de replanejamento para todas as turmas e para mim, somava-se o meu desafio de planejar o que propor para Augusto, que pudesse fazer mais sentido para ele. Sabia que a dificuldade já existia antes, no presencial, mas no virtual, tornou-se ainda mais desafiadora.

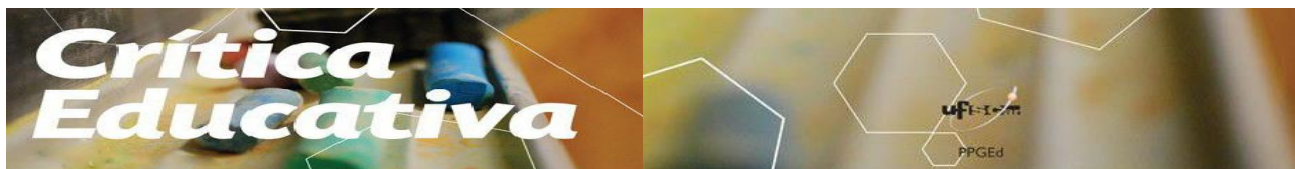
A grande novidade dessa segunda fase online foi a utilização do Google Meet, conectada com o Google Sala de Aula. O Google Meet possibilita ver as crianças, ouvi-las, projetar-compartilhar telas, gravar, utilizar o chat. Quantos novos sentidos foram adquiridos! Vibrei de emoção. Mas, fiquei preocupada! Como propor atividades? Quais atividades vou privilegiar?

Os encontros foram iniciados com a turma toda, professora titular e eu. Aos poucos, comecei os encontros individuais com ele.

O primeiro encontro com Augusto, pelo Google Meet foi para darmos continuidade a sequência de atividades, iniciada presencialmente com o *Livro de Números do Marcelo* de Ruth Rocha. Deste livro, escolhi a parlenda *Um dois feijão com arroz*, pensei que seria um caminho potente para Augusto arriscar-se a ler mesmo ainda não fazendo de forma convencional, pois ao saber a parlenda de memória teria o desafio de ajustar o falado ao escrito e com isso ser provocado a pensar sobre a escrita de palavras (WEISZ, 2016; FERREIRO, 1993).

Durante o encontro, com a leitura da parlenda, meu coração vibrava de alegria por vê-lo sorrindo! E ele me perguntou “Estou lendo?” eu, respondi: “Sim, lendo!”. Augusto estava antecipando, buscando nessa parlenda cheia de rimas o encontro entre o falado e o escrito.

Esse primeiro encontro foi o começo para o *fio de sentido* ser estabelecido. Apesar da distância, a internet nos conecta, num *fio invisível*, mas cheio de possibilidades. Essas oportunidades me atravessaram e transbordaram na escrita de um planejamento específico. E durante a escrita desse planejamento busquei interlocução, Renata, via WhatsApp porque estava



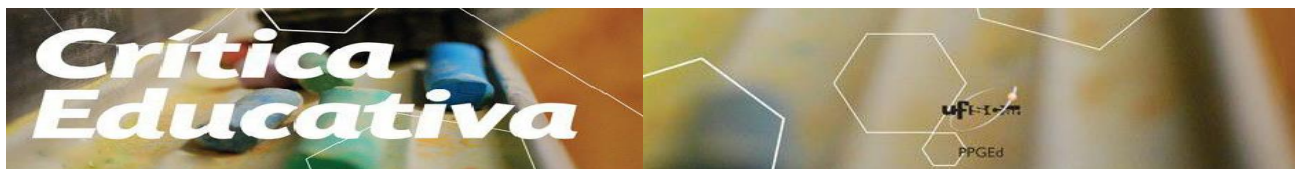
com dúvidas, insegura e embora tenha parceiras na escola com quem troco ideias pensei que você poderia me oferecer algo além, a sua sensibilidade e conhecimentos teóricos que dialogam com a perspectiva de pensar na função social da escrita e da oralidade de maneira integral.

Renata, foi primoroso receber suas considerações, indicações de possibilidades outras. Inicialmente, eu pensava em listas de nomes e você contribuiu tanto – acho que nem imagina o quanto! – Ao ampliar as propostas de listas: lugares onde quero passear quando puder sair casa; lista dos amigos da escola que estou com mais saudade. Você alargou a minha visão! E não parou por aí! Reconheci meu papel importante de escriba nos registros que fazia diante do Augusto e o quanto nesse momento ele estava pensando sobre a linguagem enquanto eu escrevia e foi quando percebi, que ele estava lendo as listas. O *fio do sentido* não estava posto só para mim, também foi estabelecido para Augusto.

Com a linha do *sentido* estabelecida, propus a investigação sobre o porquê escrevemos e lemos. Nossa, Augusto gostou muito da proposta investigativa, ele até fotografou situações de seu cotidiano em que ele e sua família utilizam a leitura e a escrita e com esse material lancei o desafio da escrita de legenda de fotos. Ou seja, eu estava investindo no trabalho de produção de texto iniciando com a escrita de lista para então ampliar o desafio para a produção de legendas. E como ele respondeu a tudo isso! Outro Augusto.

Consegui estabelecer além dos sentidos da escrita, o diálogo. Como o grande educador Paulo Freire (2005, p. 94) discorre quando fundamentamos nosso ato no amor, na humildade, na fé, o diálogo estabelece-se na relação horizontal, e o clima estabelecido entre os sujeitos é de confiança. Esse trilhar foi o alicerce fundamental, porque Augusto sentia (e sente) minha amorosidade, meu respeito aos saberes que ele traz, dialogamos sobre o cotidiano e também sobre a linguagem escrita.

Sinto-me tecendo uma colcha de retalhos, com sentidos meus e com essa criança sobre a alfabetização. Ao olhar para essa colcha de retalhos da alfabetização sendo tecida com tantas mãos, lembro de minha formação inicial, o quanto fugi das séries iniciais por receio de pensar sobre a linguagem. E a cada encontro com Augusto, descubro-me professora alfabetizadora, que sabe o *poder das palavras* (VOLÓCHINOV, 2018, p. 127-140) quando tecidas em comunhão e por meio do diálogo.



Os encontros com o Augusto são dialógicos, ele passou a pronunciar suas palavras, a escrevê-las. A cada atividade, olho para aquele planejamento inicial, com as suas preciosas dicas, Renata, que sei que são frutos de muito estudo, de muita formação. Eu e Augusto saímos ganhando! Ter a sua parceria tem sido fundamental. Ampliei as atividades com fotografia e uso de legenda, começaremos a estudar o *gênero textual* legenda, para que Augusto tenha mais recursos para pensar sua escrita.

Lembro-me bem, ao terminar uma atividade de escritas de legendas e lhe enviar uma foto, com meus olhos brilhando porque Augusto tinha escrito seu primeiro texto, ele teve tanta coragem! Escreveu suas palavras, inscreveu os sentidos dele.

Nem todos os dias são de *sol*, há dias mais desafiadores, que Augusto se posiciona e me diz “Você falou que era para eu escrever do meu jeito, mas agora me pergunta o que eu escrevi?”. Esse dia foi um divisor de águas, primeiramente concordei com ele, mas com seu suporte, Renata, aprendi que sim, quero deixar que ele escreva a seu modo, mas como parceira mais experiente, preciso pontuar e ajuda-lo a escrever com mais qualidade para que outras pessoas também consigam ler os seus escritos.

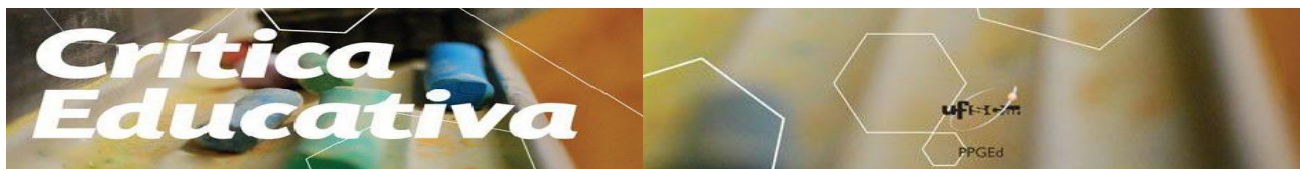
Estou vivendo esse percurso que me constitui e penso que para a alfabetização dialógica, respeitosa com a criança que aprende, é necessário ensinar a ler o mundo, a pronunciar as palavras da infância que são palavras *da* e *para* a vida. Certamente, sem você, o GRUPAD nada disso teria tanto *sentido*, reflexão, estudos, aprendizados e escritas.

Constituo-me responsivamente (BAKHTIN, 2017) a cada encontro, com a singularidade do Augusto e das demais crianças que compõem a minha história. Agradeço ao Augusto pelos desafios e ensinamentos, que ele ainda criança elabora e eu, professora-adulta passei a refletir com a ajuda dele e sua, querida Rê.

Com toda minha admiração e agradecimento,
Fernanda Camargo Dalmatti Alves Lima.

Referências

BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.



FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1993.

FIORENTINI, Dario. Aprendizagem profissional e participação em comunidades investigativas. In: **Encontro Nacional de Educação Matemática**, 11, Curitiba, 2013. Anais. Curitiba: SBEM, p. 1-15. Disponível em: http://sbem.iuri0094.hospedagemdesites.ws/anais/XIENEM/pdf/2988_2195_ID.pdf. Acesso em: 10 jun. 2020.

FRAUENDORF, Renata Barroso de Siqueira; PACHECO, Daniela Quevedo; CHAUTZ, Grace Caroline Chaves Buldrin; PRADO, Guilherme do Val Todelo. Mais além de uma história: a narrativa como possibilidade de autoformação. **Revista de Educação Puc-Campinas**. Campinas, v. 21, n. 3, p. 351-361, set-dez., 2016. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/2908>. Acesso em: 15 ago. 2020.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**. v. 15, n. 42. p. 259-268, 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000200013. Acesso: 14 mar. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 2005, p. 94.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SERODIO, Liana Arrais; PROENÇA, Heloísa Helena Dias Martins; RODRIGUES, Nara Caetano. **Metodologia Narrativa de Pesquisa em Educação: uma perspectiva bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João, 2015.

WEISZ, Telma. A aprendizagem do sistema de escrita: questões teóricas e didáticas. **Revista Veras**. São Paulo, v. 6, n. 1, p. 11-20, jan.-jun., 2016. Disponível em: <http://site.veracruz.edu.br/instituto/revistaveras/index.php/revistaveras/article/view/264>. Acesso: 14 fev. 2020.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2018, p.127-140.